

[Início](#) | [Multimédia](#) | [Blogs](#) | [Viva+](#) | [Opinião](#) | [Domingo](#) | [Dossiês](#) | [Cidadão Repórter](#) | [Serviços](#)

Director
José Leite Pereira

Director Adjunto [ver capas da edição impressa](#)
Alfredo Leite

Subdirector
Paulo Ferreira
[Login/Registo](#)
[Mobile](#) | [RSS](#)

[Iniciativas](#)
[Loja do Jornal](#)
[Assine o JN](#)
[Classificados](#)

[Últimas](#) | [Nacional](#) | [Sociedade](#) | [Policia](#) | [Economia](#) | [País](#) | [Mundo](#) | [Desporto](#) | [Cultura](#) | [Gente](#) | [Tecnologia](#) | [Média](#)

[Sociedade](#) 

Acreditar na vida depois de um traumatismo

2010-11-01

Filipa Moreno

São cerca de 7000 os casos graves de traumatismo crânio-encefálico que surgem todos anos em Portugal. É uma epidemia silenciosa, que muda radicalmente as vidas dos traumatizados e das suas famílias. A associação Novamente quer apoiar as vítimas.

Uma queda pode ser suficiente para deixar uma marca permanente. Crimes e acidentes rodoviários, de trabalho e de desporto são a causa dos sete mil novos casos graves de traumatismos crânio-encefálicos (TCE) registados a cada ano. Paralisia, perdas da fala e da capacidades cognitiva são consequências possíveis destes acidentes, fatais em alguns casos.

A Novamente nasceu pelas mãos do pai de um traumatizado e deve o seu nome à ideia de que os "sobreviventes e famílias têm de voltar a acreditar" que é possível viver, explica a directora executiva, Vera Bonvalot.

O número de traumatismos anuais está a diminuir, mas esta ainda constitui uma "epidemia silenciosa", diz. "Existem milhares de casos, mas não se fala muito nisso". Também por essa falta de informação e divulgação, uma das áreas de actividade futura da Novamente passará pela prevenção, para alertar os principais grupos de risco para o perigo dos TCE. Jovens do sexo masculino, entre 15 e 30 anos são dos mais expostos a acidentes rodoviários; já os idosos estão mais sujeitos a quedas. Nas crianças, esta é a principal causa de morte nos acidentes traumáticos.

Para os traumatismos mais graves, o percurso tem início no internamento nos cuidados intensivos, momento de grande incerteza e angústia para as famílias. "É uma altura delicada em termos emocionais", refere Vera Bonvalot. Os cuidados intermédios são o passo seguinte e onde começa a longa e difícil adaptação à nova realidade. "Reaprendem tudo: a falar, a andar, a comer, a viver", afirma. O apoio das famílias na reaprendizagem "é essencial" para minimizar o impacto do trauma e a motivação decisiva para a recuperação. Depois, já em casa, seguem-se meses, ou até anos, de reabilitação e terapia.

Durante a pesquisa feita para a Novamente, a directora conheceu casos de sucesso que inspiram o trabalho da associação. "Assistimos muitas vezes a milagres na reabilitação", garante.

Os sobreviventes "podem ocupar muitos cargos diferentes", mas as consequências dos acidentes são um entrave à empregabilidade. A sociedade ainda tem dificuldade em integrar os traumatizados, pelo que é necessário incentivar uma mudança de mentalidade, explica Vera Bonvalot.

A reintegração será uma das áreas apoiada pela Novamente, a primeira associação portuguesa de apoio a sobreviventes e famílias de TCE, que quer ter um crescimento gradual e firme. Com apenas nove meses está ainda em fase de constituição legal e recolha da informação, mas já integra a Federação Europeia de Associações de Apoio aos Familiares de Traumatizados Crânio-encefálicos.

[Partilhar](#)

0 tweet

FERRAMENTAS

[Comentar](#)

[Imprimir](#)

[Distribuir](#)

[Enviar](#)

[Aumentar](#)

[Diminuir](#)

ESTATÍSTICAS

876 Visualizações

2 Comentários

5 Envios

5 Impressões

Patrocínio

> [Mais Sociedade](#)
> [Mais de um milhão de europeus recebe tratamento contra toxicod dependência](#)
> [Drogas sintéticas aumentam](#)
> [Mortes por consumo de cocaína aumentam](#)